

“NÓS NOS AGARRAMOS AOS LIVROS”: EXPERIÊNCIAS DE LEITURA EM CONTEXTOS DE OPRESSÃO NA OBRA ‘A SOCIEDADE LITERÁRIA E A TORTA DE CASCA DE BATATA’

Amanda Salomão, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT/UFRJ), <https://orcid.org/0000-0002-0663-2055>

RESUMO

O trabalho propõe uma reflexão sobre a leitura como instrumento de resistência e enfrentamento a contextos de opressão. De modo específico, a proposta se inspira e relaciona a obra de ficção “A sociedade literária e a torta de casca de batata”, de Mary Ann Shaffer e Annie Barrows, com os estudos sobre a leitura no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, em busca das potencialidades que o romance revela sobre as experiências de leitura compartilhadas enquanto forma de lidar com uma realidade social atravessada por guerras e regimes políticos totalitários. Em formato epistolar, a obra relata as vivências de habitantes da ilha de Guernsey no curso da Segunda Guerra Mundial, quando viveram sob o jugo da ocupação nazista e encontraram na leitura um modo de existir, resistir e enfrentar as opressões que lhes foram impostas. A reflexão se caracteriza como de natureza teórica e exploratória, com abordagem qualitativa, sustentando-se na leitura da obra aqui colocada como *locus* de análise e nos aportes sociopsíquicos e simbólicos da leitura trazidos pelo bibliotecário russo Nicolas Roubakine e pela antropóloga francesa Michèle Petit. Como complemento, a proposta articula as considerações de Regina Marteleto, Nanci Nóbrega e Denise Morado, Jéssica Sá e Cláudio Paixão, e Gustavo Saldanha no escopo dos estudos biblioteconômico-informacionais; aqui, o foco está nos atos de leitura enquanto interação sujeito-realidade, território de simbolização e instrumento de resistência e conscientização crítica coletiva. Os resultados apontam para a leitura como ferramenta central de enfrentamento dos personagens aos cenários de guerra e regimes políticos totalitários, tendo por base as práticas informacionais e conexões simbólicas construídas durante as experiências de leitura compartilhadas que ocorrem no livro. Como considerações finais, revela o ato de ler enquanto prática que favorece o atravessamento de crises, mas também proporciona a grupos sociais oprimidos tomadas de consciência sobre as opressões que os cercam.

Palavras-Chave: Leitura; Experiências de Leitura Compartilhadas; Contextos de Opressão; Apropriação de Saberes.

“NOS AFERRAMOS A LOS LIVROS”: EXPERIENCIAS DE LECTURA EN CONTEXTOS DE OPRESIÓN EN LA OBRA ‘SOCIEDAD LITERARIA Y EL PASTEL DE PIEL DE PATATA DE GUERNSEY’

RESUMEN

El trabajo propone una reflexión sobre la lectura como instrumento de resistencia y enfrentamiento a contextos de opresión. Específicamente, la propuesta se inspira y relaciona la obra de ficción “La sociedad literaria y el pastel de piel de patata”, de Mary Ann Shaffer y Annie Barrows, con estudios sobre la lectura en el campo de la Bibliotecología y las Ciencias de la Información, en busca de las potencialidades que el libro revela sobre las experiencias de lectura compartida como forma de afrontar una realidad social atravesada por guerras y regímenes políticos totalitarios. En formato epistolar, la obra relata las vivencias de los habitantes de la isla de Guernsey durante la Segunda Guerra Mundial, cuando vivieron bajo la ocupación nazi y encontraron en la lectura una manera de existir, resistir y enfrentar las opresiones que se les imponía. La reflexión es teórica y exploratoria, con

abordaje cualitativo, a partir de la lectura de la obra aquí presentada como *locus* de análisis y de los aportes sociopsíquicos y simbólicos de la lectura del bibliotecario ruso Nicolas Roubakine y la antropóloga francesa Michèle Petit. Como complemento, la propuesta articula las consideraciones de Regina Marteleto, Nanci Nóbrega y Denise Morado, Jéssica Sá y Cláudio Paixão, y Gustavo Saldanha en el ámbito de la Bibliotecología y las Ciencias de la Información; aquí, el foco está en los actos de lectura como interacción sujeto-realidad, territorio de simbolización e instrumento de resistencia y conciencia crítica colectiva. Los resultados apuntan a la lectura como herramienta central para que los personajes enfrenten los escenarios de guerra y regímenes políticos totalitarios, a partir de las prácticas informacionales y conexiones simbólicas construidas durante las experiencias de lectura compartida que se dan en el libro. Como consideraciones finales, revela el acto de leer como una práctica que favorece el cruce de crisis, pero también propicia la toma de conciencia de los grupos sociales oprimidos sobre las opresiones que los rodean.

Palabras-Clave: Lectura; Experiencias de Lectura Compartida; Contexto de Opresión; Apropiación del Conocimiento.

"WE CLUNG TO BOOKS": READING EXPERIENCES IN CONTEXTS OF OPPRESSION IN THE GUERNSEY LITERARY AND POTATO PEEL PIE SOCIETY

ABSTRACT

The paper aims to reflect on reading as an instrument of resistance and confrontation to contexts of oppression. Specifically, the proposal is inspired by and relates the book "The Guernsey literary and potato peel pie society", by Mary Ann Shaffer and Annie Barrows, with studies on reading in the field of Library & Information Science, in search of the potential that the novel reveals about shared reading experiences as a way of dealing with a social reality crossed by wars and totalitarian political regimes. In epistolary format, the book reports the experiences of inhabitants of the island of Guernsey during the Second World War, when they lived under the Nazi occupation and found in reading a way to exist, resist and face the oppressions imposed on them. The reflection is theoretical and exploratory, with a qualitative approach, based on the reading of the book placed here as a *locus* of analysis and on the socio-psychic and symbolic contributions on reading developed by the Russian librarian Nicolas Roubakine and the French anthropologist Michèle Petit. As a complement, the paper articulates the considerations of Regina Marteleto, Nanci Nóbrega and Denise Morado, Jéssica Sá and Cláudio Paixão, and Gustavo Saldanha in the scope of Library & Information Science studies; here, the focus is on the acts of reading as a subject-reality interaction, a territory of symbolization and an instrument of resistance and collective critical awareness. The results point to reading as a central tool for characters to face the contexts of war and totalitarian political regimes, based on informational practices and symbolic connections built during the shared reading experiences that occur in the book. As final considerations, it reveals the act of reading as a practice that favors the crossing of crises, but also provides the awareness of oppressed social groups about the oppressions that surround them.

Keywords: Reading; Shared Reading Experiences; Context of Oppression; Appropriation of Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

Qual é a importância da leitura nos contextos de crise que acometem a realidade social? A pandemia ocasionada pela Covid-19, infecção respiratória aguda causada pelo

coronavírus SARS-CoV-2 (Ministério da Saúde, 2021), é um dos exemplos mais recentes de cenários de crise em macroestruturas sociais que não só aprofundaram, mas também

deixaram mais evidente as desigualdades socioeconômicas reinantes em diferentes partes do mundo: de um lado, a uma parte da população mundial foi possível se manter em isolamento social, se comparada a uma outra parte, muito maior que, sobretudo em razão de dificuldades financeiras, de acesso à saúde e medidas de distanciamento social, continuou exposta às possibilidades de contaminação (Lupion, 2020). Contexto semelhante é trazido pelos antigos e também recentes cenários de guerras e instabilidades políticas que acometem diferentes partes do mundo e, igualmente, oprimem grupos sociais e aprofundam as desigualdades já existentes. Em ambos os cenários, em maior ou menor grau, diversas pessoas se voltaram para a leitura como modo de atravessar períodos adversos em suas vivências subjetivas e intersubjetivas (Petit, 2009; Sá, 2022).

Nessa perspectiva, emergem, centralmente, as reflexões da antropóloga Michèle Petit. Em diversas de suas publicações, a autora relata suas experiências com projetos de leitura, notadamente em países latino-americanos e em zonas acometidas por crises macroestruturais, sejam estas de natureza política, econômica e-ou social, que desencadeiam os mais diferentes tipos de conflitos, instabilidades, guerras, desigualdades e opressões. Anos da trajetória de Petit (2009, 2013, 2019) como pesquisadora da leitura dão conta dos potenciais existentes no ato de ler para o enfrentamento e resistência a esses cenários adversos.

Além do escopo acadêmico-científico, aqui exemplificado pelos estudos petitianos no campo antropológico, não raro encontramos no âmbito literário obras que trazem em seu enredo temáticas relacionadas a contextos de crise, sobretudo aqueles ocasionados por regimes políticos opressores, bem como a leitura como foco central para o enfrentamento a esses cenários. Um desses exemplos é a obra “A sociedade literária e a torta de casca de batata”, das autoras Mary Ann Shaffer e Annie Barrows.

O romance, publicado no Brasil em 2009, rememora as vivências de habitantes de Guernsey no curso da Segunda Guerra Mundial, quando viveram sob o jugo da ocupação nazista. Guernsey, ilha do Canal da Mancha integrante do território britânico, foi invadida pelo exército alemão entre os anos de 1940 a 1945, desencadeando uma série de opressões que afetaram as realidades materiais e simbólicas de seus habitantes - entre alguns exemplos, escassez de suprimentos, evacuação de parte da população, o que separou famílias, trabalhos forçados, mortes, prisões (Guernsey, 2022; Johnson, n.d.). Em formato epistolar, essas vivências nos são apresentadas através da troca de correspondências, em 1946, entre a escritora Juliet Ashton, na Inglaterra, e moradores e moradoras da ilha, que relatam seu cotidiano, suas relações uns com os outros e como descobriram nas experiências de leitura modos de existir, resistir e enfrentar os cenários adversos que lhes foram impostos.

Diante desse olhar, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a leitura como instrumento de resistência e enfrentamento a contextos de opressão. De modo específico, a proposta se inspira e relaciona a obra de ficção “A sociedade literária e a torta de casca de batata” com os estudos sobre a leitura no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI), em busca das potencialidades que o romance revela sobre as experiências compartilhadas de leitura enquanto forma de lidar com uma realidade social atravessada por guerras e regimes políticos totalitários.

O trabalho se caracteriza como de natureza teórica e exploratória, com abordagem qualitativa, tendo por base a leitura da obra aqui colocada como *locus* principal de análise. No plano teórico-metodológico, fundamenta-se nos delineamentos sociopsíquicos e simbólicos da leitura trazidos pelo bibliotecário russo Nicolas Roubakine (1998) no bojo da epistemologia informacional e pela antropóloga francesa Michèle Petit (2009), a partir da noção de “espaços em crise”. Especificamente sobre a relação entre os atos

de leitura e contextos de crise no âmbito biblioteconômico-informacional, recorreremos às reflexões tecidas por Regina Marteleto, Nanci Nóbrega & Denise Morado (2013), Jéssica Sá (2022), Jéssica Sá e Cláudio Paixão (2021), e Gustavo Saldanha (2019).

Aqui, podemos dizer que a proposta de reflexão e relação dessa obra com os estudos sobre a leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação se justifica a partir da necessidade urgente de justiça social e da possibilidade que o campo oferece, em sua concepção de território de práxis social transformadora, conforme as discussões de Saldanha (2019) desvelam, de luta pelo fim da desigualdade e opressão pela via da leitura.

Assim, esta proposta está dividida da seguinte forma: na primeira seção, introduzimos as reflexões sobre a leitura na Biblioteconomia e Ciência da Informação e em campos fronteiriços, com destaque para as

experiências de leitura compartilhadas, notadamente aquelas que se dão em contextos de crise e sob a ótica de grupos sociais oprimidos e-ou marginalizados. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos que norteiam o presente trabalho. Nos resultados, nosso enfoque está voltado para as possibilidades de enfrentamento e resistência, via leitura compartilhada, aos contextos de crise acometidos por regimes políticos totalitários, no caso, vislumbrados na obra literária “A sociedade literária e a torta de casca de batata”. Por fim, nas considerações finais, celebramos a importância dos atos de leitura em contextos de crise, nos quais emergem não somente as possibilidades de resistência em meio às adversidades, mas também reflexões que permitem o desenvolvimento de tomadas de consciência crítica em relação às opressões vivenciadas no real.

2 SE VOLTAR PARA A LEITURA EM TEMPOS DE CRISE: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS DE LEITURA COMO RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTO ÀS ADVERSIDADES

No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a leitura é concebida como instrumento de apropriação de saberes e, em sentido mais amplo, de relação do sujeito com a realidade social. Para Dumont (1998, 2020), a leitura é tomada como uma experiência, um ato que não se efetiva em ações isoladas, mas sim integra uma rede intrincada de valores, sentidos e motivações decorrentes de relações dialógicas traçadas entre sujeito, texto e contexto. Nessa concepção, os processos de leitura, associados à componentes psíquicos, cognitivos e emocionais, são influenciados pelas subjetividades e cenários de vida daquele que lê, bem como pelas condições sócio-históricas que circunscrevem essas experiências e, por sua vez, orientam os modos de uso e apropriação do que foi lido.

Ainda segundo Dumont (1998, 2020), os processos de apropriação transcorridos durante as experiências de leitura dialogam saberes arquivados no repertório informacional do

indivíduo com as novas informações introduzidas a partir do objeto lido, de modo a reafirmar ou contestar as estruturas de sentidos anteriores, resignificando saberes ou construindo novos. A autora sugere que os saberes daí apropriados podem ser aplicados nas vivências de leitores e leitoras em ações práticas do cotidiano, tomadas de decisões e, no cenário que mais nos interessa, para refletir sobre si mesmos e o mundo que os cerca, sendo a leitura uma manifestação social de aprendizagem e reaprendizagem, ancorada nas possibilidades de construção e reformulação de sentidos em constante movimento (Sá, 2022).

Especialmente nesse âmbito, Petit (2009) afirma que a leitura atua de maneira significativa para que sujeitos possam encontrar modos de lidar e enfrentar momentos de adversidades que acometem suas realidades sociais, como o contexto político de guerras e opressões pelo regime nazista tratado na obra aqui analisada.

De acordo com Petit (2009), essa concepção evidencia uma dimensão não apenas sociopsíquica, mas fundamentalmente simbólica dos atos de ler. A autora aponta que muitos leitores e leitoras buscam nas experiências de leitura respostas para as suas vivências, sobretudo os períodos de adversidades que enfrentam, criando uma realidade própria em torno do texto, um espaço psíquico para o qual transcendem durante o ato de ler - afluindo a vivência de uma realidade que não é, materialmente, a sua, mas na qual podem projetar e evocar, de forma consciente ou inconsciente, subjetividades e aspectos de vida que se relacionam tanto ao que foi lido quanto aos contextos em que esses atos estão circunscritos. Seriam, em sua visão, figurações, simbolizadas pelo objeto livro, por uma palavra, uma frase, que representam as vivências de sujeitos, seus desejos e angústias, mesmo que não falem delas diretamente.

Na mesma direção apontada pela antropóloga, Sá (2022) e Salomão (2020) mencionam que o ato de ler, sobretudo quando experienciado em um momento de crise, permite ao sujeito leitor, a partir da reflexão e entendimento sobre si mesmo, a (re)elaboração de seu mundo interior, de sua subjetividade e, ainda, de seu contexto, a partir de interações ativas com o texto e das manifestações simbólicas daí desencadeadas: vivência de alteridade, projeção de si no que está sendo lido, reflexão sob outros pontos de vista, construção e reformulação de sentidos. Esses construtos sugerem, conforme nos aponta Petit (2009, 2013, 2019), que as experiências de leitura podem revelar vislumbres sobre aspectos desconhecidos pelos indivíduos, novas formas de ser e estar na realidade que, até então, não eram reconhecidas ou consideradas como possíveis por sua consciência. No ponto que nos interessa aqui destacar, possibilidades de surgimento de reflexões críticas, bem como o redirecionamento dos olhares de sujeitos leitores para compreender cenários adversos e encontrar formas de transpô-los.

Na epistemologia informacional, a abordagem sobre a leitura tecida pelo bibliotecário russo Nicolas Roubakine (1998) na virada do século XIX para o XX nos revela panorama semelhante, no qual também sobressaem os contornos sociopsíquicos e simbólicos do ato de ler. O pensamento roubakiniano, desenvolvido a partir do que o teórico denomina como bibliopsicologia ou psicologia bibliológica, ciência voltada para os fenômenos psíquicos relacionados ao objeto informacional e sua ação sobre aquele que lê, posiciona seu enfoque não no artefato material propriamente dito, mas sim nas experiências do sujeito, particulares em sua essência, com esse mesmo artefato, considerando todas as circunstâncias, externas e internas, em que se dá a leitura (Roubakine, 1998).

Em sua perspectiva, as sensações despertadas - emocionais, psíquicas, cognitivas -, os sentidos atribuídos aos textos lidos, bem como os saberes daí apropriados, representam a relação da consciência do indivíduo com o mundo - a maneira como enxerga e interage com o real, ou seja, o sujeito como um ser social, em constante diálogo com os fenômenos que ocorrem à sua volta. Fruto de construções sócio-históricas, a experiência de leitura, mais do que possibilitar a apropriação de saberes via decodificação de signos linguísticos, descortina e representa a leitura do mundo, podemos dizer, a possibilidade de reflexão crítica sobre a realidade (Roubakine, 1998; Saldanha, 2018).

Durante mais de trinta anos de pesquisa teórica e empírica sobre a leitura no campo, a trajetória de Roubakine está no bojo da luta pelo acesso ao livro e à leitura aos grupos sociais marginalizados e oprimidos - em seu enfoque, as massas populares russas -, acreditando no potencial da leitura para a apropriação de saberes e desenvolvimento de reflexões críticas. O horizonte roubakiniano, desvelado em meio às opressões na Rússia czarista entre o final do século XIX e início do XX, está na possibilidade de transformação pela via de uma práxis social: ao apropriar informação e conhecimento, os indivíduos seriam capazes de

vislumbrar criticamente a realidade – reconhecendo-a em toda sua opressão e desigualdade – para então desenvolver uma conscientização coletiva e, a partir daí, buscar na ação no real modos de resistência e enfrentamento aos contextos de opressão vivenciados em diferentes espaços-tempo (Saldanha, 2019).

Na reflexão sobre a obra aqui analisada, o cenário de guerra que serve como pano de fundo da narrativa nos leva a estabelecer relações entre o pensamento roubakiniano com as reflexões tecidas por Petit (2009) em torno da noção de "espaços em crise". Para a autora, os "espaços em crise" são demarcados por cenários adversos desencadeados por transformações de caráter brutal ou práticas de violência constantes e generalizadas nas macroestruturas sociais, dentre os quais podemos destacar aqueles ocasionados por desigualdades socioeconômicas, guerras e regimes políticos opressores. A crise se instaura sempre que os meios de regulamentação sociais e psíquicos praticados pelos sujeitos se tornam ineficazes para lidar com as opressões e as adversidades vigentes na realidade, afetando os campos psíquico, emocional e social em uma dimensão subjetiva e intersubjetiva. Aqui, Petit (2009) aponta que, independentemente da natureza dessas adversidades e de os grupos sociais partilharem ou não um mesmo contexto socioeconômico, seus transtornos os vulnerabilizam de maneiras distintas, manifestando-se em maior ou menor nível de acordo com os cenários nos quais se encontram, bem como os recursos materiais, culturais e afetivos de que dispõem; ambos acarretam crises que impactam nas formas em que os sujeitos concebem a si mesmos e a realidade que os cercam.

Um aporte muito caro à autora está na espessura simbólica presente nos atos de leitura, com um olhar sensível voltado para suas potencialidades no que se refere a grupos sociais oprimidos e marginalizados que vivenciam contextos de crise. Centralizados nas dimensões psíquicas e simbólicas da relação

entre sujeito, texto e contexto e em diálogo direto com o pensamento roubakiniano, os estudos petitianos enfatizam os modos em que o ato de ler pode despertar indivíduos para o que chama de tomadas de consciência, ou seja, reflexões sobre si mesmos e o mundo ao redor (Petit, 2009).

As potencialidades de reflexões críticas sobre si, sobre o mundo, se desvelam a partir da realidade criada em torno da obra lida, da "abertura" para um espaço psíquico e simbólico, que dá voz à imaginação e evoca pensamentos, intenções e desejos para além das realidades adversas vivenciadas. Podemos dizer, a leitura como instrumento que potencializa o atravessamento de cenários de crise, na qual o sujeito leitor pode vislumbrar novos modos de conceber a si, o outro e o real, podendo vir a (re)encontrar a força necessária não apenas para lidar com as adversidades impostas à sua realidade social, como também, conforme veremos a seguir, para enfrentar e resistir a essas mesmas opressões reinantes no real (Petit, 2009; Sá, 2022; Salomão, 2020).

Nessa direção, aqui sugerimos que essa potencialidade pode ser manifestada em uma perspectiva subjetiva, mas também intersubjetiva - as experiências de leitura compartilhadas. Segundo Marteleto, Nóbrega & Morado (2013) e Sá & Paula (2021), o ato de ler é também um processo simbólico - território de significação e ressignificação de e para sujeitos sociais. As práticas informacionais transcorridas durante o encontro de diferentes sujeitos em torno da leitura possibilitam interações sociais e simbólicas, sendo os saberes construídos, circulados e apropriados de forma coletiva, a partir de relatos orais sobre os textos lidos e das histórias de vida evocadas durante as discussões.

Nesses ambientes, emergem experiências psíquicas e a formação de laços afetivos e simbólicos entre os participantes e entre esses mesmos participantes com os elementos que integram esse *locus*, possibilitando o diálogo, a reflexão, a construção de imaginários e (re)significação de

sentidos sobre si mesmos e o mundo ao redor. Aqui, reafirmam-se a contribuição das relações intersubjetivas entre sujeitos possuidores de subjetividades e contextos distintos, cujos saberes são produzidos e apropriados tanto via discussões sobre os textos lidos, como compartilhamento de vivências e visões de mundo. Além disso, podemos dizer, de acordo com Roubakine (1998), que as conexões simbólicas em torno de uma materialidade em comum - o objeto livro que lêem e sobre o qual discutem - vinculam-se não somente ao artefato propriamente dito, mas sim e, sobretudo, às circunstâncias que envolvem a ocorrência desse ato - aqui, os contextos de crise atravessados pelo regime nazista, que unem e relacionam sujeitos distintos em torno de um ponto em comum, fazendo com que encontrem na leitura compartilhada e, em uns nos outros, momentos de respiro e acolhimento em meio à opressão.

No âmbito de estudos sobre os clubes de leitura formados por mulheres, Elizabeth Long (2003) nos traz uma perspectiva interessante, que pode dialogar com as experiências compartilhadas de leitura aqui abordadas. Para a autora:

[...] à medida em que [as pessoas integrantes desses clubes] lêem e conversam, elas estão apoiando umas às outras em uma elaboração coletiva de suas relações com o momento histórico presente e as condições sociais particulares que o caracterizam (Long, 2003, p. 22, tradução nossa).

Em outras palavras, como território simbólico de significação ancorado em um dado espaço-tempo, segundo Marteleto, Nóbrega & Morado (2013), as dinâmicas informacionais e sociais transcorridas via leitura compartilhada revelam uma interação dialógica com o real em constante movimento: os sentidos e significados atribuídos às obras lidas e aos relatos de vida partilhados respondem por modos particulares de percepção, interpretação e interação com a realidade, ao mesmo tempo em que influenciam na relação com essa mesma realidade, ou seja, na forma

como o sujeito, ser social, percebe, apropria e atribui sentidos a si mesmo, em uma esfera subjetiva e, em um sentido mais amplo, às suas vivências intersubjetivas, nas quais sobressaem os cenários de crise.

Nesse contexto, podemos dialogar as reflexões tecidas por Gustavo Saldanha (2019) no contexto de uma epistemologia histórica e abordagem crítica em Biblioteconomia e Ciência da Informação, na qual sobressaem a relação do campo, em especial a partir das considerações roubakinianas sobre a leitura, com a justiça social. Para o autor, conforme já destacado na introdução desta proposta, o território biblioteconômico-informacional é permeado por disputas constantes em torno das atividades que envolvem a produção, circulação e apropriação de saberes - essas, em sua maioria, circundadas por valores e ideologias dominantes não somente no que se refere à construção e distribuição desigual de recursos, mas também em seus impactos na realidade social. Podemos dizer, em uma das interpretações que, para nós, mais dialoga com o aqui exposto, grupos sociais que vivenciam opressões que se dão, sobretudo em cenários atravessados por crises, a partir da restrição das formas de produção e acesso ao conhecimento e leitura (Saldanha, 2019) - o que pode ser vislumbrado em "A sociedade literária e a torta de casca de batata".

Ainda de acordo com Saldanha (2019) e na direção apontada pelo pensamento roubakiniano, dentre os inúmeros mecanismos de opressão que se manifestam de diferentes formas na realidade social, emergem as possibilidades dadas pelo próprio campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação na luta para combatê-los, este, em sua concepção de território de práxis social transformadora: aqui, as experiências compartilhadas de leitura como instrumento de laços afetivos, reflexões críticas e, a partir daí, modos de resistência e enfrentamento, no plano material, psíquico e simbólico, às desigualdades e opressões vivenciadas durante o regime nazista.

Desse modo, sobre a leitura compartilhada, podemos pensar que se trata de uma atividade que possibilita, mais do que a reflexão sobre a crise vivenciada, a (re)construção de subjetividades e modos de lidar e interagir com a realidade social, sendo a

leitura não somente uma válvula de escape, mas também, podemos dizer, um instrumento de enfrentamento e resistência simbólica a uma realidade opressora (Petit, 2009; Sá & Paula, 2021).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente reflexão, de fundo teórico e exploratório, com abordagem qualitativa, parte de estudos desenvolvidos no âmbito das discussões sobre a leitura no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, com ênfase aos seus aspectos teóricos, simbólicos, sociocríticos e epistemológicos, cujos construtos de sua concepção enquanto instrumento de apropriação de saberes e interação sujeito-realidade sugerem as experiências de leitura, sobretudo quando compartilhadas, como contribuição potencial para a elaboração e atravessamento de contextos de crise ocasionados por guerras e regimes políticos totalitários.

O horizonte teórico-metodológico da proposta fundamenta-se nos delineamentos sociopsíquicos e simbólicos da leitura trazidos pelo bibliotecário russo Nicolas Roubakine (1998) no bojo da epistemologia informacional e pela antropóloga francesa Michèle Petit (2009), a partir da noção de “espaços em crise”. Uma perspectiva em comum desenvolvida pelas autorias está no enfoque da leitura voltada para grupos sociais marginalizados e oprimidos em decorrência de desigualdades sociais, guerras e ou instabilidades políticas, contextos em que o ato de ler emerge não somente como experiência simbólica de resistência, mas também como instrumento de apropriação de saberes críticos e enfrentamento à opressão.

Como complemento a esses aportes, realizamos uma revisão de literatura, sem recortes temporais delimitados, na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), trazendo para o diálogo as reflexões sobre a leitura no campo

informacional tecidas, centralmente, por Regina Marteleto, Nanci Nóbrega & Denise Morado (2013), Jéssica Sá (2022), Jéssica Sá & Claudio Paula (2021) e Gustavo Saldanha (2019), este último com uma articulação mais voltada para a epistemologia histórica em BCI e suas potencialidades de transformação e justiça social pela via dos atos de leitura. O *locus* principal de análise compreende a leitura da obra “A sociedade literária e a torta de casca de batata”, das autoras Mary Ann Shaffer e Annie Barrows, em sua edição brasileira, publicada pela editora Rocco em 2009. O foco central aqui é utilizar os construtos teóricos das autorias para estabelecer relações entre a obra literária e o potencial da leitura para o enfrentamento a contextos de opressão ocasionados por guerras e regimes políticos totalitários.

Desse modo, partimos da noção de que essa obra, a partir de um olhar literário, mas intimamente atravessado pelas discussões teóricas no âmbito dos estudos sobre a leitura em Biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como em campos fronteiriços, nos permitem interpretar de que maneira o ato de ler une, simbólica e materialmente, sujeitos que partilham, senão outros pontos em comum, um cenário de crise no qual a leitura torna-se um modo de existir e resistir. As vivências narradas nos permitem um vislumbre sobre as formas em que a leitura, enquanto interação sujeito-realidade, pode contribuir para que indivíduos possam atravessar momentos de crises que acometem suas realidades subjetivas e, sobretudo, intersubjetivas, sendo um instrumento de resistência e enfrentamento aos cenários de adversidade.

4 RESULTADOS: LEITURA E RESISTÊNCIA EM CONTEXTOS DE CRISE EM “A SOCIEDADE LITERÁRIA E A TORTA DE CASCA DE BATATA”

Todo mundo estava enfraquecido pela falta de comida e desanimado por achar que aquilo nunca iria terminar. Nós nos agarramos aos livros e aos nossos amigos; eles nos faziam lembrar que havia um outro lado em nós (Shaffer & Barrows, 2009, pp. 76).

Em “A sociedade literária e a torta de casca de batata”, a narrativa é imbricada com a censura e proibição à diferentes aspectos da vida cotidiana, como o ir e vir, o ato de comer determinado alimento, a manifestação do livre pensamento, o acesso às notícias da Inglaterra (era proibido ter e-ou ouvir rádio, sob risco de prisão), e a leitura de obras que, de acordo com o regime nazista, subvertem a ordem social imposta. Mecanismos de opressão são constantemente aplicados para controlar e coibir esses acessos: soldados do exército nazista se distribuem em diferentes pontos da ilha para oprimir moradores e moradoras através da revista, do controle sobre os suprimentos comprados e notícias veiculadas, da exigência de documentos que autorizam sua presença aqui e ali. E é ao estarem onde não deveriam, partilhando uma refeição proibida e indo para casa após o toque de recolher, que as experiências compartilhadas de leitura tomam forma, a princípio como uma desculpa para a “transgressão” cometida quando flagrados por oficiais e, a partir daí, uma prática que precisa ser mantida para sustentar a justificativa dada. Esses encontros se tornam, porém, um dos poucos momentos de respiro e liberdade em meio à crise vivenciada.

A troca de cartas sob a qual a discussão aqui apresentada se sustenta ocorre entre janeiro e setembro de 1946, iniciando-se na figura do morador de Guernsey Dawson Adams, que solicita à escritora Juliet Ashton, residente em Londres, sugestões de leituras e livrarias na cidade, após encontrar um livro de autoria do escritor inglês Charles Lamb (1775-1834) que pertenceu a ela. Sem apresentar em detalhes como esse livro foi parar na ilha e em suas mãos,

o personagem justifica o envio da correspondência apontando a escassez de recursos e livrarias em Guernsey após a guerra e como a leitura de Lamb lhe ajudou a atravessar a ocupação alemã. Ele menciona, especificamente, que o autor o fez rir durante esse período, em especial com o que escreveu sobre um porco assado, o que está relacionado com o início dos próprios encontros entre os personagens:

A Sociedade Literária e Torta de Casca de Batata de Guernsey surgiu por causa de um porco assado que tivemos de manter em segredo dos soldados alemães, então sinto uma certa afinidade com o sr. Lamb (Shaffer & Barrows, 2009, pp. 18).

A resposta de Juliet dá início a uma troca constante de correspondências com Dawson e outras pessoas moradoras da ilha, o que reflete no desejo da escritora em escrever um livro sobre as experiências desses sujeitos durante a ocupação alemã e, mais ainda, visitá-los pessoalmente. Através de uma interação que se desenvolve a partir e por causa da leitura, revelam-se não somente os modos como a linguagem, as cartas, aqui, simbolizam os vínculos afetivos criados, mas também como nos deixam entrever as reminiscências desses sujeitos leitores - muitas delas intimamente relacionadas à leitura - durante o período da ocupação nazista.

Os personagens, que ainda não se conhecem muito bem e apresentam poucos aspectos em comum para além do contexto de crise que partilham, se reúnem periodicamente em torno de uma mesma ação - as experiências de leitura. Mesmo sob a vigilância de oficiais alemães, presentes em algumas reuniões por alegarem apreciar livros - e, de certa forma, para intimidar e garantir a leitura de obras “não subversivas” -, essas práticas, imbuídas material e simbolicamente nos cenários adversos que esses sujeitos enfrentam e nas dinâmicas e

rituais estabelecidos nos encontros, já os unem, apesar das múltiplas subjetividades e histórias de vida ali existentes.

De início, conforme já mencionado, temos o porco assado, comida proibida durante a ocupação e que, ao ser consumida “secretamente” na casa de alguém que escondia o animal, dá origem aos encontros da Sociedade e torna-se um vínculo entre os seus participantes. Ao mencionar a escassez de suprimentos (entre estes, comida, combustível, sabão, lenha), Dawson explica para Juliet que o consumo desse tipo de alimento era destinado aos soldados alemães no continente, sendo permitido aos moradores somente a plantação de legumes e derivados. Uma vez reunidos para partilhar dessa comida proibida, era preciso, então, criar para os oficiais nazistas que os flagraram uma justificativa para estarem nas ruas fora do toque de recolher: eis quando surge a Sociedade Literária de Guernsey. Igualmente, podemos citar a torta de casca de batata que, além de integrar o título da obra e o nome da própria Sociedade, é também um dos poucos alimentos disponíveis e permitidos para cultivo e consumo em Guernsey. O ritual de servir, compartilhar e comer a torta em todos os encontros se torna, junto às práticas informacionais ali desenroladas, mais um elemento formador e integrante da espessura simbólica que une esses indivíduos.

Nem todas as pessoas eram leitoras assíduas ou tinham, até mesmo, experiência com qualquer tipo de leitura para além daquela eventualmente necessária em alguma atividade de seu cotidiano. Contudo, ao selecionar, ler e debater obras que, em outro momento, talvez nem soubessem existir, esses sujeitos se veem reunidos em torno de um mesmo objetivo e uma mesma materialidade, ou seja, algo em comum que os permitem criar vínculos, sentidos e saberes uns com os outros, com o espaço onde se encontram e os elementos que integram esse *locus*:

Líamos livros, falávamos sobre livros, debatíamos livros e nos tornamos cada

vez mais amigos (Shaffer & Barrows, 2009, pp. 62).

Uma vez experienciada em um espaço-tempo atravessado por guerras e regimes políticos totalitários que afetam - e, ao mesmo tempo, conectam - os personagens de maneiras distintas, podemos dizer que a leitura compartilhada emerge aqui tanto como interação sujeito-realidade como território de simbolização (Marteleto, Nóbrega & Morado, 2013). Significa dizer que as possibilidades de apropriação de saberes, de sentidos e aprendizados, são evocadas não somente através da interação entre sujeito-objeto, mas, principalmente, das conexões simbólicas traçadas uns com os outros conforme os encontros avançam, da intersubjetividade manifestada nas trocas orais, seja sobre as obras lidas ou sobre a relação desses sujeitos com a realidade social, as angústias e os sofrimentos aí vivenciados, que se relacionam de alguma forma com o que é lido e discutido.

Para Petit (2009), os atos de leitura, sobretudo quando compartilhados, propiciam a construção de um espaço de “possíveis”, ou seja, uma realidade psíquica e simbólica para qual o sujeito leitor transcende ao interagir com o objeto ou os relatos de outras pessoas sobre este - um espaço em que se apresentam novas possibilidades de reflexões e olhares sobre si, o outro e mundo. Nessa direção, Sá (2022) e Sá & Paula (2021) compartilham da visão petiana, apontando que a leitura, sobretudo quando experienciada durante períodos de crise, favorece a elaboração psíquica dos cenários vivenciados, seja em uma dimensão subjetiva ou intersubjetiva. Torna-se possível, assim, estabelecer conexões entre o objeto lido e as experiências vivenciadas no real, na busca, consciente ou inconsciente, por elementos que simbolizam as questões adversas e, ao mesmo tempo, oferecem novos modos de enfrentá-las (Petit, 2009).

No caso do romance aqui abordado, podemos dizer que as obras lidas e discutidas, a comida compartilhada, os relatos de vida evocados e a maneira como os textos dialogam

com uma parte de seu íntimo talvez ainda desconhecida, ou seja, gestos e rituais que fortalecem as conexões simbólicas e afetivas traçadas, as relações entre vivências dentro e fora dos encontros, podem ajudar esses personagens a compreender e refletir acerca de uma realidade sobre a qual não sabem lidar ou, até mesmo, articular - aqui, as opressões vivenciadas, a escassez de alimentos, a ausência de notícias sobre o que acontecia fora de Guernsey, a separação das famílias, as prisões, as mortes.

Surge, dessa forma, um ambiente de produção e troca de sentidos e significados, que possibilitam apropriar novos saberes ou ressignificar antigos, manifestando-se na maneira como o ser, sujeito social, interpreta, se apropria e interage consigo mesmo e com o mundo, na maneira como reflete, elabora a realidade e (re)constrói suas subjetividades em meio aos contextos de opressão (Petit, 2009). Em outras palavras, reafirmam-se novamente os laços construídos e aprofundados através e por causa da leitura, que transcendem o espaço das reuniões, as trocas sobre os textos lidos para encontrar sua articulação no real: a solidariedade e aprendizado uns com os outros, sentimento que nasce durante os encontros e também por causa desses encontros, que reverbera na vida individual e coletiva de cada um, seja ao se ajudarem nos momentos difíceis, ao compartilharem uma refeição e os poucos recursos dos quais cada um dispõe, ao cuidarem da filha de uma das participantes, que acaba sendo presa e levada para os campos de concentração nazistas por abrigar e alimentar um fugitivo do exército alemão (suas próprias reminiscências e relatos compartilhados com outras prisioneiras sobre os encontros da Sociedade tornam-se uma forma de resistir). Todos esses pequenos gestos, construídos a partir das experiências de leitura, demonstram de que forma esse ato transcende o artefato material propriamente dito, como nos diria Roubakine (1998), para alcançar as circunstâncias que circundam esses mesmos atos e todos os sentidos e ressignificados daí decorrentes: os momentos de crise durante a ocupação alemã,

posicionando a leitura como território simbólico e de significação no real (Marteleto, Nóbrega & Morado, 2013).

Nesse mesmo sentido, de acordo com as considerações de Petit (2009) e Salomão (2020), a leitura compartilhada acaba por propiciar, assim, a criação de um espaço de acolhimento e confiança, no qual os sujeitos se sentem seguros e confortáveis para ser e estar, para relatar suas vivências e subjetividades, dar voz aos seus pensamentos, desejos e intenções, pois há pessoas interessadas em ouvi-los. Evocam e desvelam, com isso, a sensação de “pertencimento a um grupo”, de que esses sujeitos não estão sozinhos, que há outras pessoas que atravessam o mesmo contexto de crise e que é possível ter um lugar onde possam se expressar; elementos que contribuem diretamente para que encontrem vínculos uns nos outros, sentido para a vida, para que reflitam e delimitem suas relações com o seu próprio eu e o mundo, compartilhando, simbolicamente, modos de ser no real:

Passei a gostar muito das nossas reuniões literárias - elas me ajudaram a suportar a Ocupação (Shaffer & Barrows, 2009, pp. 106).

Um outro ponto de grande interesse e fundamental para as discussões aqui apresentadas está nas potencialidades de reflexões críticas que podemos vislumbrar nos encontros da Sociedade, tendo por base as considerações trazidas por Nicolas Roubakine (1998). Para o bibliotecário russo, dada a própria articulação teórico-metodológica de sua bibliopsicologia em um cenário igualmente adverso, a Rússia czarista, o caminho para a resistência e enfrentamento aos contextos de opressão e desigualdades estaria, dentre uma de suas possibilidades, nas experiências de leitura - aqui, as leituras compartilhadas.

Na obra, ainda que, durante o período da ocupação nazista, uma transformação material na realidade desses sujeitos não tenha sido possível (ou seja, o exército alemão ocupou e oprimiu Guernsey durante mais da metade da Segunda Guerra Mundial, entre 1940 e 1945), as

possibilidades de resistência e enfrentamento se dão aqui, claramente, tanto no plano simbólico quanto material. Com base nas reflexões propostas, podemos pensar que os encontros por entre a Sociedade, circundados *por* e *para* a leitura, desvelam nas práticas informacionais e interações entre os personagens não somente o acolhimento, a conexão afetiva que possibilita o atravessamento da crise, mas também os potenciais de reflexões críticas, de tomadas de consciência sobre os mecanismos de opressão vigentes em suas realidades - notadamente, o regime nazista e suas formas de controle da ilha. Esses elementos os levam, pela via do pensamento roubakiniano e petistiano, às potencialidades de vislumbres de horizontes,

5 REFLEXÕES FINAIS: RESISTIR PARA EXISTIR

“A sociedade literária e a torta de casca de batata” oferece caminhos de interpretação em cima de um conteúdo que narra uma história ficcional, mas oscila a todo momento com representações de instâncias do real, a partir do período sócio-histórico do regime nazista na Segunda Guerra Mundial tomado como pano de fundo. Aqui, o romance revela que a leitura compartilhada proporciona uma experiência na qual leitores e leitoras podem construir vínculos sociais, afetivos e simbólicos, de modo a significarem os relatos de leitura e as histórias de vida ali trocadas. Na obra, observamos o encontro por entre pessoas que, a princípio, não apresentam muitos aspectos em comum além dos contextos de crise que vivenciam, sendo este um elemento que os une em torno da e para além da leitura, seja como forma de resistência a um regime opressor ou simplesmente para terem um ambiente de acolhimento em meio à crise.

Alguns personagens manifestam seu enfrentamento e resistência à ocupação nazista a partir do consumo de um alimento proibido, do abrigo a refugiados políticos ou, até mesmo, questionando e desafiando diretamente oficiais que cerceiam suas liberdades. Nesse mesmo

caminhos, sobre si e sobre o mundo, para além das realidades que lhes são dadas.

Isso ocorre a partir de pequenos gestos simbólicos, que ali se revelam como atos de resistência, seja o compartilhamento de uma refeição proibida, os questionamentos suscitados a partir das obras lidas e das histórias de vida trocadas e, até mesmo, a simples reunião por entre pessoas que se conectam afetivamente umas às outras em meio às crises e acabam por desenvolver aí formas de refletir, questionar e interagir com um real opressor. Podemos dizer que se reafirmam, nessas práticas, todos os elementos simbólicos e materiais que apontam para horizontes distintos de concepção de si mesmo, das adversidades e do mundo.

sentido, o enfrentamento à crise também se descortina pela via da leitura, em uma dimensão sociopsíquica e simbólica; pequenos atos de resistência impactam suas vivências subjetivas e intersubjetivas: os encontros para a leitura e discussão de diferentes materiais informacionais, sejam estes ficção, culinária ou cartas de familiares, ajudam leitores e leitoras a lidarem com esses momentos e, também, consigo mesmos e com suas vivências, encontrando na leitura compartilhada um ambiente de respiro, de liberdade, de fuga de uma realidade extremamente opressora.

Além disso, a leitura aqui atua como instrumento central para conscientizar grupos sociais que vivenciam contextos de crises, oferecendo reflexões críticas que expandem as possibilidades de compreensão sobre os mecanismos de opressão que lhes são impostos, de modo que possam encontrar não apenas modos de enfrentar essas adversidades, mas também formas de pensar sobre si mesmos, de vislumbrar novos caminhos de vida a serem seguidos, novas relações com o seu próprio eu e com o mundo ao redor.

Nesse sentido, retomando novamente as reflexões de Petit (2009, 2013, 2019), podemos dizer que isso não significa que os cenários de crise desaparecem, ou seja, que o mundo se vê livre de seus sofrimentos, opressões e desigualdades. Contudo, a leitura, sobretudo compartilhada, oferece uma abertura para um plano psíquico, simbólico, no qual sentidos e saberes são construídos, significados e ressignificados para além do espaço dos encontros, reverberando em suas realidades subjetivas e intersubjetivas. Vislumbres de novos horizontes, novas realidades, formas de conceber e ser no real tornam-se possíveis, permitindo que esses sujeitos lidem melhor com si mesmos e os momentos adversos de suas existências.

Por fim, com base nas vivências e leituras dos integrantes da Sociedade Literária e Torta de Casca de Batata de Guernsey, poderíamos nos indagar: por que a realidade é dada dessa e não de outra forma? A possibilidade de uma realidade diferente, longe da opressão, se revela tanto nos relatos e experiências de leitura, como nas construções imaginárias e psíquicas sobre como o mundo poderia ser dado - para além da opressão nazista, da escassez, das mortes. Ainda, a leitura, enquanto objeto trabalhado no campo biblioteconômico-informacional, evoca sua própria centralidade epistêmica, segundo

Saldanha (2019), como território de práxis social transformadora: o ato de ler transcende a leitura do artefato para alcançar a leitura do mundo; esta, diante das possibilidades de reflexão sobre como o real poderia ser dado, para além da crise, para além do cenário opressor.

Não pretendemos, nessa proposta, esgotar a temática da leitura tampouco as diferentes possibilidades de interpretação e análise da obra aqui tomada como *locus* de investigação. Interessa-nos, centralmente, trazer reflexões para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação sobre as experiências de leitura compartilhadas e sua contribuição para a resistência e transformação em uma realidade atravessada por inúmeras adversidades que acometem os contextos socioeconômicos, políticos, psíquicos e simbólicos dos indivíduos. Aqui, tomamos como pano de fundo os cenários de opressão nazista durante a Segunda Guerra Mundial, mas poderíamos também evocar as mazelas ocasionadas pela pandemia de Covid-19, conforme já apontado na introdução, ou, até mesmo, outros contextos atravessados por instabilidades e crises, sejam estas de natureza socioeconômica, política, psíquica, que evidenciam nos atos de ler todo o seu potencial para a resistência e existência.

REFERÊNCIAS

- Dumont, L. M. M. (1998). *O imaginário feminino e a opção pela leitura de romances de séries* [Tese de doutorado, UFRJ/IBICT].
- Dumont, L. M. M. (2020). Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In L. M. M. Dumont (Org.), *Leitor e leitura na Ciência da Informação* (pp. 21-52). ECI/UFMG. <http://biblio.eci.ufmg.br/ebooks/2020070001.pdf>.
- Guernsey (2022, 08 de setembro). In: *Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/place/Guernsey-island-and-bailiwick-Channel-Islands-English-Channel>.
- Johnson, B. (n. d.). Guernsey. *Historic UK*. Recuperado em 24 de outubro de 2022. <https://www.historic-uk.com/HistoryMagazine/DestinationsUK/Guernsey/>.
- Long, E. (2003). *Book clubs: women and the uses of reading in everyday life*. The University of Chicago Press.

- Lupion, B. (2020, 27 de abril). Como o novo coronavírus acentua as desigualdades no Brasil. *DW*. <https://www.dw.com/pt-br/como-o-novo-coronav%C3%ADrus-acentua-as-desigualdades-no-brasil/a-53256164>.
- Marteleteo, R., Nóbrega, N. & Morado, D. (2013). Cultura informacional. In S. Albagli (Org.). *Fronteiras da Ciência da Informação* (pp. 78-106). IBICT. <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1020>.
- Ministério da Saúde (2021). *O que é a Covid-19?*. <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>.
- Petit, M. (2009). *A arte de ler: ou como resistir à adversidade*. Editora 34.
- Petit, M. (2013). *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Editora 34.
- Petit, M. (2019). *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Editora 34.
- Roubakine, N. (1998). *Introduction à la psychologie bibliologique*. Association Internationale de Bibliologie. v. 1.
- Sá, J. P. S. (2022). *Aspectos simbólicos da prática da leitura literária em contextos de adversidade*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/41428>.
- Sá, J. P. S. & Paula, C. P. A. (2021, 25 a 29 de outubro). *Aspectos simbólicos da leitura literária em contextos de adversidade* [Apresentação de trabalho]. XXI ENANCIB, Rio de Janeiro, Brasil. <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/paper/view/31>.
- Saldanha, G. (2018). Gramática de la intencionalidad en los estudios informacionales: estados maquínicos como objeto de la intención simbólica. In M. A. Rendón Rojas (Coord.). *La intencionalidad en la Ciencia de la Información Documental* (pp. 75-105). Universidad Nacional Autónoma de México. https://ru.iibi.unam.mx/jspui/handle/IIBI_UNAM/L156.
- Saldanha, G. (2019). Sem e cem teorias críticas em Ciência da Informação. In A. C. Bezerra, Schneider, M., Pimenta, R. & Saldanha, G. *iKritica: estudos críticos em informação* (pp. 171-240). Garamond.
- Salomão, A. (2020). *Leitura, apropriação de saberes e transformação pessoal: relações subjetivas e intersubjetivas a partir das perspectivas de mulheres pertencentes a clubes de leitura* [Dissertação de mestrado, UFRJ/IBICT]. Repositório Institucional do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1098>
- Shaffer, M. A. & Barrows, A. (2009). *A sociedade literária e a torta de casca de batata*. Rocco.